

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

In Memoriam:

A Palavra de Paulo Freire

Ana Teberosky e César Coll

Universidade de Barcelona

Conta Jean-Paul Sartre que aprendeu a ler quando tinha 6 anos “fazendo que lia” e imitando sua mãe quando lia para ele. No princípio, não entendia bem, quem contava?, o quê?, a quem?... Não reconhecia sua linguagem. Logo começou a conhecer as histórias, “minha mãe as contava várias vezes... de sua boca saía uma voz de prata... podia adivinhar a sucessão rigorosa das palavras... sempre as mesmas e na mesma ordem: em cada leitura as podia reencontrar... Peguei um livro chamado *Tribulações de um Chinês na China*, sentei-me na cama e fiz que estava lendo... Me surpreenderam – ou me fiz surpreender – e decidiram então que era tempo de me ensinar o alfabeto. Levei isto tão a sério que dava lições a mim mesmo... metade decifrando, metade adivinhando, percorria as páginas uma depois da outra, quando acabei a última já sabia ler” (Jean-Paul Sartre em *As Palavras*).

Conta uma mulher parisiense que aos 46 anos também não sabia ler e “fazia que estava lendo”. Conta que não compreendia sempre a linguagem das pessoas, por exemplo, no cinema: “Não compreendo o cinema, vai muito rápido, não compreendo o que dizem. Há sempre legendas, as pessoas lêem as letras e riem ou ficam contentes, e eu não compreendo”. No comércio, em compensação, “faço como se soubesse... faço que sei, quando olho a balança, quando olho as etiquetas”. Para as compras da casa: “Sei todas as cores de todas as marcas. Quando vou trocar de marca, uma amiga me acompanha. Depois já me lembro das cores. Tenho muita memória, nós temos muita memória”. Na cidade: “É preciso perguntar muito, refletir. Somos como cegos, há lugares onde nos perdemos”. Quando tentou aprender a ler: “Foi algo terrível...”. E nunca esquece que não sabe ler: “Eu não sei me expressar, penso sempre que não sei... É muito cansativo... Tomara que não se dêem conta, isto é o que eu penso, todo tempo tenho medo.” (Entrevista publicada no *France-Observateur* em 17/10/1957.)

Conduta imitada e linguagem incompreensível aos 6 e aos 46 anos nos depoimentos destes dois franceses. Entretanto, nem a conduta nem a linguagem têm o mesmo significado para um e outro. O pequeno Sartre era “*un héritier*” para quem a imitação fazia parte da aprendizagem; sua mãe lhe repetia várias vezes para que compreendesse a linguagem dos livros que lhe eram destinados. A mulher adulta imitava simulando o que não havia aprendido, simulação por medo, para que ninguém se desse conta, para passar despercebida. Como essa linguagem era a linguagem dos outros, ela era estrangeira em sua própria cidade, ninguém lhe repetia, ninguém lhe falava mais devagar. Que mulheres como esta “compreendam, aprendam a ler, a entender e a expressar-se” foi o projeto de Paulo Freire. A “alfabetização de adultos” concebida como pedagogia que transcende seu conteúdo etimológico: o analfabetismo como uma profunda injustiça social, a alfabetização como um ato político, um ato de conhecimento e criatividade.

O projeto de Paulo Freire não só transcendeu o conteúdo etimológico, mas também o âmbito dos adultos. De fato, alcançou o âmbito acadêmico: muitos dos termos e conceitos que circulam hoje em dia em ciências da educação foram pela primeira vez formulados por Freire. É o caso de pedagogia do oprimido, conscientização, educação bancária, psicologia crítica. Tal alcance é, há muito tempo, internacional; não somente na América Latina, mas também nos Estados Unidos, Europa, África. E sua influência não é apenas geográfica, mas também temporal: as condições por ele denunciadas e as explicações levantadas há quatro décadas mantêm uma lamentável atualidade. Dizemos “lamentável” porque a conjuntura histórica atual não faz senão corroborar a mais importante constatação de Freire: a alfabetização não consiste só em ensinar as pessoas a ler e a escrever, consiste em mudar a